

HUSTON, Nancy, *Dolce agonia*. Paris:
Actes Sud; Montreal: Leméac, 2001. 500 p.

Nubia Jacques Hanciau
Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Quanto mais vislumbra a idade madura, mais Nancy Huston escandaliza-se com a maneira como os idosos são excluídos do mundo. No auge da curiosidade pelo ser humano, pela memória e pelos efeitos devastadores do tempo – implacável como o destino humano –, Nancy Huston escreve, em *Dolce agonia*, uma perturbadora “Última ceia”, um romance dotado de estrutura original, uma ode à vida, terna e melancólica, repleta de doces misérias e inesquecíveis agonias.

A fim de não ficar sozinho nas comemorações do Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving*), Sean Farrel (1953), escritor de origem judaica que vive nas proximidades de Boston, decide reunir para jantar os amigos mais próximos e seus cônjuges, a maioria cinquentenários. Recentemente, um diagnóstico de câncer no pulmão o atingira como um cutelo. Entre os convidados, que ignoram essa condenação, dois colegas de

profissão e de universidade, duas antigas amantes, seu advogado, um artista/pintor e um amigo padreiro, bem mais velho (87). No cardápio, peru e torta de abóboras, sem os quais, para os americanos, não há verdadeiro *Thanksgiving*.

Huston atribui a Deus, artista da Criação, o raro papel de romancista/narrador dos acontecimentos históricos ou familiares e do destino dessas doze pessoas reunidas na casa de Farrel. Escrito em inglês antes de ser traduzido para o francês pela própria autora, se *Dolce agonia* é original em sua construção, é notadamente porque Deus-romancista intercala algumas páginas em itálico entre os capítulos consagrados à refeição, nas quais descreve o futuro reservado a cada personagem, cujos nomes servem de título às curtas narrativas prospectivas, levando o leitor ao conhecimento, via voz divina, do que advirá ao

longo dos anos e como cada uma das vidas enfocadas chegará ao fim.

Mas pode-se falar em prospectiva, se para Deus o presente é eterno, se do Seu ponto de vista “não há começo nem fim, apenas uma espécie de torvelinho, uma vibração, um infinito entrecruzamento de causas e efeitos”? Nancy Huston declara ter pretendido retratar o Criador como um artista, alguém que necessita construir e destruir. São várias as destruições ocorridas no romance. Para a escritora, assim é a vida, uma injustiça total, uma absoluta arbitrariedade! Cabe a cada pessoa dar-lhe um sentido (*Le Soleil*, 10/3/2001). Para uma das personagens de *Dolce agonia*, é a amizade que empresta sentido à vida: “Os amigos são tudo o que temos. É com eles que se vive, eles são como a família. É preciso aceitá-los com suas qualidades e seus defeitos”.

Apesar de feminista, a bela escritora canadense e francesa (segundo ela própria) parece experimentar um novo prazer em distribuir aos homens os principais papéis, cujos desejos e cuja libido ela descreve minuciosamente. Ela critica até mesmo as insuportáveis manias femininas, as atitudes protetoras (ajudar e querer tudo

organizar). Mesmo assim, Huston não consegue negligenciar a maternidade, inserindo-a em uma das mais belas passagens do romance: *Viens mère! Viens réconfort! Viens lait, miel, paix absolue! Viens présence qui bannira tout manque, colmatara toute brèche, pansera toute plaie, guérira tout mal, redressera tout tort, en cet instant et à jamais* (p. 296).

Excetuando a mulher do melhor amigo, uma jovem nascida em Vancouver que leva à ceia seu bebê de onze meses, todos os convidados são originários de diferentes cidades americanas, de Los Angeles a Chicago, passando por Cincinnati e Nova Iorque. A mesa com Deus, a mestiçagem é um dos pratos que nos serve Nancy Huston em seu décimo romance. A riqueza das raízes, tema que a apaixonada também é fulgurantemente explorada. O uísque servido, aliado ao vinho e ao champagne, torna os protagonistas nostálgicos, favorecendo retrospectivas de vida, desde as heterogêneas origens, passando pela infância, amores, carreira, segredos revelados e compartilhados com os demais convivas ou

silenciados, atravessando inopinadamente alguns espíritos, enquanto ouvem aparentemente os demais. Fala-se de nascimento e morte durante a ceia, discute-se sobre a vida e o amor; desvelam-se esperanças e decepções e, ao fazê-lo, ressalta-se a ignorada mestiçagem da sociedade.

Além da amizade, a memória desempenha importante papel em *Dolce agonia*. Seu desaparecimento, atribuído à doença de Alzheimer – fenômeno progressivo e inelutável da nossa época –, é deplorado ao longo do romance em razão da obliteração que causa ao ser humano, que, ao perder a memória, perde o domínio de si mesmo. Impossível evocar essa degradação sem falar na velhice. Todos temem envelhecer. O romancista Deus escreve: “Com o passar dos anos eles viram aparecer, uns nos outros, rugas, gorduras, olheiras, ‘bolsas nos olhos’, protuberâncias, queixos duplos..., mas, cada vez que se encontram, apagam essas marcas com magnanimidade, esquecem-nas ou se escondem atrás delas, ou melhor, abaixo, no interior, até a essência e a alma”. É Sean Farrel, autor de uma coletânea (póstuma) com o mesmo título do romance *Dolce agonia*, quem diz: “A velhice

sempre parece um disfarce”. Ante rugas, bochechas flácidas e sobranceiras embaraçadas, ele muitas vezes tem a certeza de que “as pessoas terminarão por gargalhar e tirarão suas máscaras, revelando o verdadeiro rosto jovem que encobrem”.

Professora de filosofia e ex-mulher de Sean, Rachel constata por sua vez que poucos livros evocam o declínio do desejo, o “enfeamento”, a fragilidade, o medo, a “dor que obstrui a garganta”. Onipresente, a morte atinge pais e filhos; ela não pára sua obra de destruição. O leitor fica sabendo antecipadamente como ela ceifará cada protagonista. Onisciente e onipotente, Deus se encarregará de advertir.

A romancista reduz cada personagem, mesmo aqueles que têm longa vida pela frente, a ser o que a existência é: frágil, dubitativa, relativa, sem deixar de ser emocionante, uma vez que é submissa a um destino desconhecido, do qual somente Deus é o senhor.

Prisioneiros da neve que cai sem trégua, os amigos de Sean Farrel são obrigados a permanecer em sua casa e nela encontrar um canto para dormir.

Fica a critério de cada leitor a interpretação da última imagem do romance: ao amanhecer, apenas o bebê acorda, maravilhando-se com a neve desse dia de novembro, que brilha sob o sol, tão branca, tão pura e intocada como a página virgem de sua vida...